

Crianças vítimas da
Violência Doméstica –

A importância da
intervenção precoce e
integrada

António Castanho

Psicólogo/Psicoterapeuta

16 de setembro | Cerimónia de apresentação

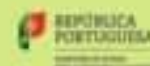
RAP - Respostas de Apoio Psicológico para crianças e jovens vítimas de violência doméstica



Aula Magna do Instituto Politécnico de Viseu



Facebook da CIG



“Agora sabia mesmo o que era a dor. Dor não era apanhar até desmaiar. Não era cortar o pé com caco de vidro e levar pontos na farmácia. Dor era aquilo que doía o coração todinho, que a gente tinha que morrer com ela, sem poder contar para ninguém o segredo.”



Violência Doméstica e Trauma

- Todos os anos, em Portugal, milhares de crianças são vítimas da violência doméstica.
- Em muitos casos de violência, as crianças desempenham um papel crucial no auxílio ao/à progenitor/a impedindo a agressão ou o homicídio.
- Muitas destas crianças são as principais vítimas de violência quando a violência emocional, verbal, física, sexual lhes é infligida.
- Algumas são agredidas violentamente quando tentam intervir para acabar com a violência, outras são usadas como parte da vingança e do ciúme que pode surgir quando um dos pais tenta reconstruir uma "nova" vida para si e seus filhos.
- O impacto destas experiências pode ser brutal. As vidas destas crianças são muitas vezes mudadas para sempre.
- Os estudos apontam para uma transmissão intergeracional da violência com impactos psicológicos, de saúde, comportamentais e socioeconómicos.

- Crianças que crescem em famílias afetadas por violência e abuso doméstico têm um risco maior de problemas de saúde mental ao longo da vida (Bogat, DeJonghe, Levendosky, Davidson e von Eye, 2006; Meltzer, Doos, Vostanis, Ford e Goodman, 2009; Mezey, Bacchus, Bewley e White, 2005; Peltonen, Ellonen, Larsen e Helweg-Larsen, 2010);
- Risco aumentado na saúde física (Bair-Merritt, Blackstone e Feudtner, 2006);
- Risco de abandono escolar e outros desafios educacionais (Byrne e Taylor, 2007; Koenen, Moffitt, Caspi, Taylor e Purcell, 2003; Willis et al., 2010);
- Risco de envolvimento em comportamentos criminais (R. Gilbert et al., 2009; T. Gilbert, Farrand, & Lankshear, 2012) e dificuldades interpessoais em relacionamentos e amizades futuras (Black, Sussman & Unger, 2010; Ehrensaft et al., 2003; Siegel, 2013).
- São também mais propensos a sofrer e a praticar bullying (Baldry, 2003; Lepistö, Luukkaala e Paavilainen, 2011);
- São mais vulneráveis ao abuso e exploração sexual; além de maior probabilidade de se envolverem em relacionamentos violentos (Finkelhor, Ormrod, & Turner, 2007; Turner, Finkelhor & Ormrod, 2010).

Alguns estudos

- Pode haver um impacto neurológico duradouro com implicações de longo alcance no bem-estar das crianças ao longo do ciclo de vida (Anda et al., 2006; Choi, Jeong, Polcari, Rohan e Teicher, 2012; Koenen et al., 2003).
- Moylan et al e Sousa et al. (2010, 2011) referem que 'testemunhar' a violência doméstica é pelo menos tão impactante quanto ser diretamente abusado fisicamente.
- A violência e o abuso doméstico permeiam a família e têm um impacto negativo nos padrões de relacionamento da família (Cooper & Vetere, 2008; Dallos & Vetere, 2012).
- Crianças em famílias onde a violência doméstica ocorre são mais propensas a serem vítimas diretas da violência, particularmente da violência dos pais (Devaney, 2008; Humphreys, 2007; Jouriles, McDonald, Slep, Heyman e Garrido, 2008);
- O homicídio de crianças é frequentemente precedida por violência doméstica entre adultos, sugerindo uma associação entre os dois (Bourget, Grace & Whitehurst, 2007; CAADA, 2014a; Jaffe, Campbell, Hamilton, & Juodis, 2012).

Alguns estudos

Em casos de homicídio (ou tentativa)

- As crianças não só lidam com trauma e com a dor da perda dos pais, mas também com questões como a mudança da sua realidade social (viver com quem e onde?, separação de amigos, mudança de escola).
- Outros, após a tragédia podem ainda estar sujeitos a disputas de guarda entre parentes do lado materno ou paterno.
- Muitas crianças têm ainda de viver não só com a vergonha de serem filhos de um homicida, mas também com a culpa de não terem sido capazes de impedir o desfecho trágico.
- Para algumas, significa o fim de relações de família, enquanto outras podem ter de lidar com o contato permanente com o agressor/a – inclusive com visitas à prisão ou tentativas de contacto.



Caso clínico (O segredo)

- Os pais da “Joana” separaram-se quando a menina tinha 7 anos. Desde essa altura a Joana dividia as semanas entre a casa dos avós paternos e pai e a casa da mãe que vivia com a avó e o namorado “André”.
- Quando a “Joana” estava em casa da mãe, assistia a discussões entre esta e o companheiro (soubese-se mais tarde que estas discussões estavam relacionados por ciúmes doentios e controlo da mãe em relação ao companheiro).
- Uma noite, acordou assustada, com o barulho de gritos e objetos a cair. O “André” e um homem desconhecido lutavam. A mãe ajudava o homem em vez de ajudar o namorado.
- De repente surgiu um tiro. O André caiu no chão e a carpete encheu-se de sangue da ferida que o André tinha na cabeça.
- A “Joana” tinha-se sentado na cama e o seu coração batia muito rapidamente. Os gritos eram muitos e a “Joana” tapou os ouvidos e gritou também e o seu corpo tremia.
- A avó entrou, tapou-lhe a boca e disseram-lhe que não poderia gritar nem falar do que tinha acontecido a ninguém.
- A “Joana” assim fez. Durante 4 anos, calou os gritos e o medo no corpo.



Caso clínico (O segredo)

- Diagnóstico: Perturbação de Stresse Pós-Traumático
- Tratamento anterior: 1 ano de terapia, sem resultados.
- Sinais e Sintomas: extrema timidez, falta de confiança, esquiva, pesadelos, imagens intrusivas, arrancar cabelo (a avó encontrou-a, várias vezes no chuveiro).
- Principais gatilhos da ansiedade: visualização de sangue

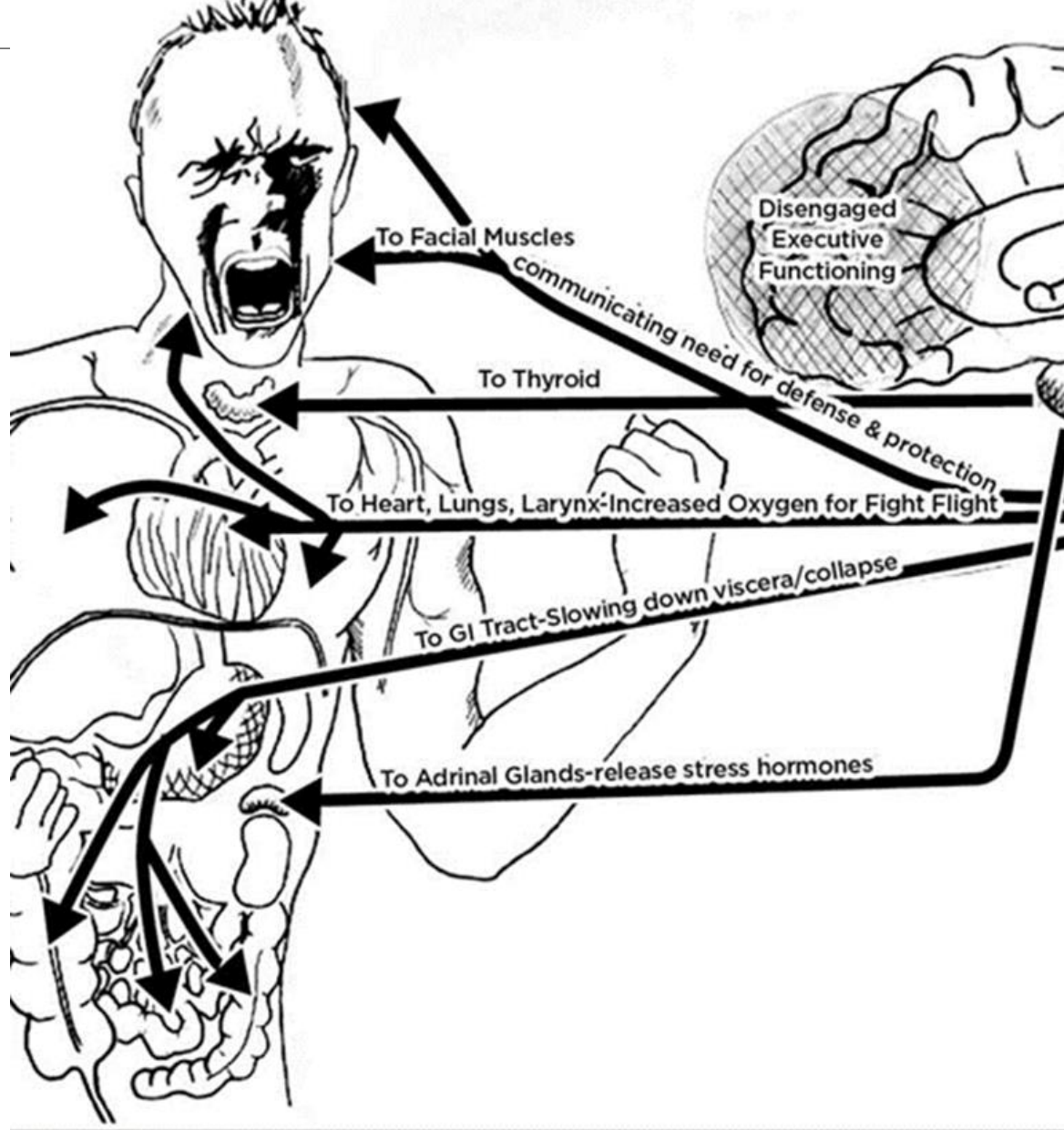
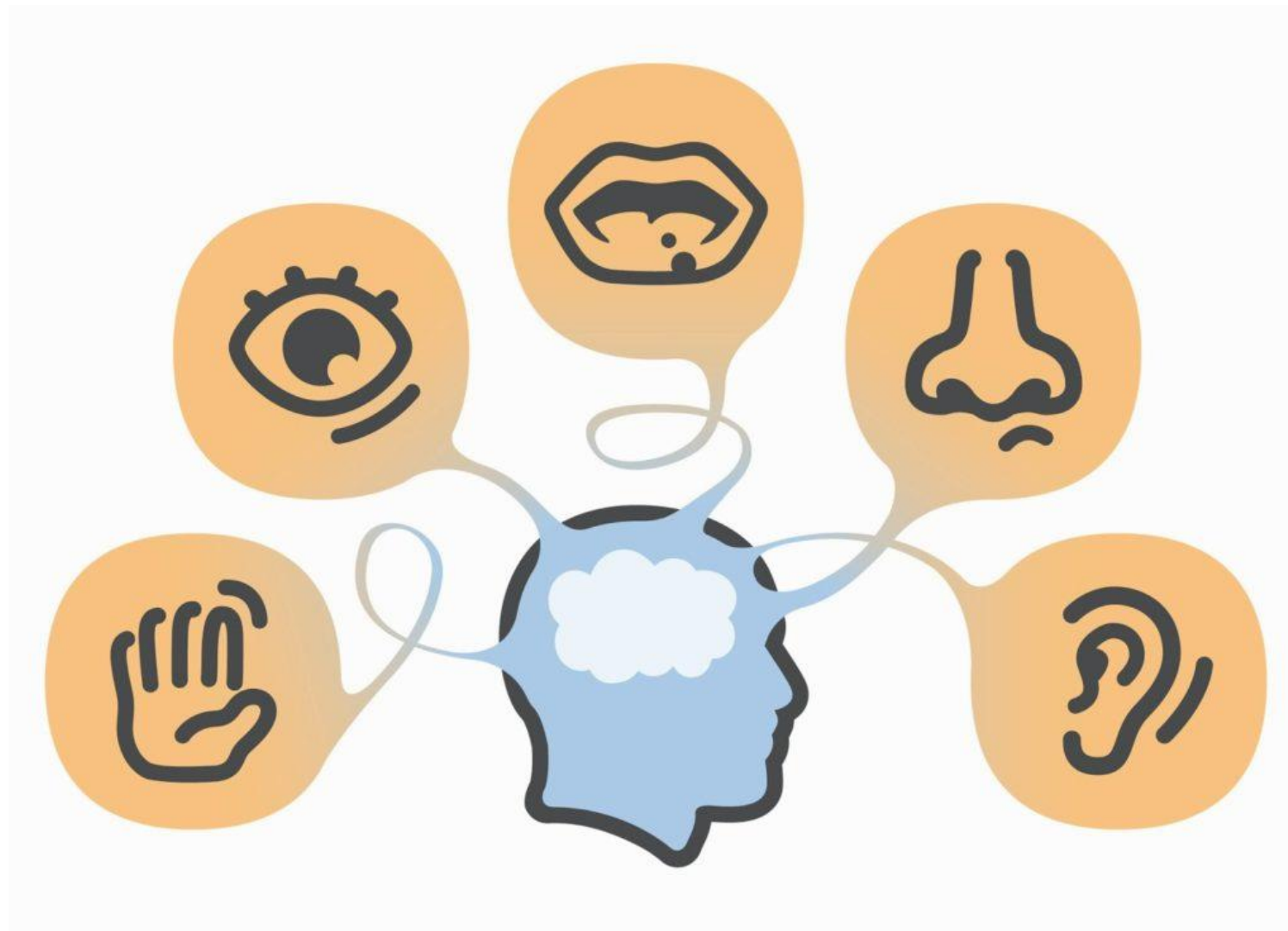


Imagem retirada de “The Body Keeps the Score – Bessel Van der Kolk

- Depois de uma experiência traumática, tudo muda.
- O trauma afeta todo o organismo - corpo, mente e cérebro.
- A energia da pessoa é concentrada na supressão da desorganização interna, resultante do trauma vivido.
- O esforço de regulação permanente acarreta prejuízo para a vida e para o envolvimento espontâneo em atividades consideradas normais, para cada um de nós.
- As consequências psicológicas ocorrem quando as nossas respostas internas não funcionam adequadamente, e quando se torna impossível encontrar o equilíbrio anterior, em resultado da experiência traumática vivida.
- As tentativas de manter o controlo sobre as reações fisiológicas extremas podem resultar numa vasta gama de consequências psicológicas e sintomas físicos.
- Tratar e curar o Trauma ou Perturbação de Stress Pós-traumático significa ser capaz de colocar fim a essa mobilização contínua de stresse e restaurar a segurança de todo o organismo.

O impacto do trauma está dependente...

- De como a experiência é integrada
- Do número de experiências traumáticas?
- Da duração e intensidade?
- Da presença de figuras de apego primárias (pais/cuidadores)?
- Da idade em que as experiências foram vividas
- Das condições de base da pessoa
- Da capacidade cognitiva



Resiliência

Algumas crianças são muito resistentes e são minimamente impactadas

Algumas não apresentam sintomas inicialmente, mas revelam indicadores comportamentais ao longo do tempo

Algumas mostram sintomas imediatos mas que se dissipam com o tempo.

- A resiliência das crianças ao trauma está ligada à presença de um progenitor ou adulto saudável nas suas vidas. (Margolin, 1998)
- A recuperação emocional das crianças na exposição à VD depende mais da qualidade de seu relacionamento com um progenitor saudável que com qualquer outro fator isolado. (Bancroft e Silverman, 2002)

- Não reconhecer o risco que a violência doméstica representa para o desenvolvimento das crianças, coloca-as em maior risco.
- Devemos reconhecer o impacto que a violência doméstica tem nas crianças e levar a sério as suas experiências.
- Muitos adultos de hoje “carregam” crianças em sofrimento.
- A quebra do ciclo da violência doméstica e a intervenção psicológica deve começar na infância.
- Se existe violência no agregado familiar, as crianças são sempre vítimas.
- As crianças não são 'vítimas apêndice'!

*Reconhecer e
atuar*

“Uma abordagem informada sobre o trauma deve estar no centro de todo o apoio fornecido a crianças e jovens afetados pela violência doméstica.

Uma abordagem baseada em pontos fortes para a recuperação, com base nos "blocos resilientes na vida da criança", tem demonstrado eficácia na intervenção.”

Home Office Domestic Abuse Statutory
Draft Guidance 2020, Reino Unido



Todos os momentos contam e qualquer interação com as crianças têm impacto.

Temos o dever de contribuir com recursos positivos!

Obrigado!

casta706@hotmail.com